Parte 1 – Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença

“Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook

Dilton Ribeiro do Couto Junior
Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COUTO JUNIOR, DR., and OSWALD, MLMB. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação*: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 167-183. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

“Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”

A relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook

Dilton Ribeiro do Couto Junior

Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald

Introdução

Os processos comunicacionais contemporâneos já incorporaram o uso dos artefatos tecnológicos com acesso à internet, propiciando a interconexão dos sujeitos com outras pessoas ao redor do mundo e reconfigurando os modos de apropriação e produção de cultura. A interação nas redes sociais da internet, por intermédio da produção e do compartilhando de vídeos, imagens, textos, músicas..., vem possibilitando o estreitamento dos vínculos entre os usuários. Como ressaltam Pretto e Assis (2008, p. 79), a “liberdade de acesso, a produção e o uso de informações têm sido considerados no contexto mais geral de produção da cultura e de bens culturais e, com isso, têm estimulado e potencializado as possibilidades de produção descentralizada, em rede”. A interação dos internautas é intensificada pelo uso dos *softwares* sociais, mediadores

de sociabilidades configuradas em torno de interesses e afinidades que emergem nas conversas online.

Este é o pano de fundo da Dissertação de Mestrado “Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook”¹ que apresentamos neste artigo, focalizando mais especificamente a relação entre o espaço físico e o espaço eletrônico nos processos comunicacionais da cibercultura em sua fase atual. A relação entre os referidos espaços vem se intensificando com a emergência dos aparatos tecnológicos sem fio, permitindo uma maior liberdade nos processos comunicacionais, em uma era em que interagimos e criamos vínculos sociais e afetivos praticamente de qualquer lugar do planeta a qualquer momento do dia.

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da etnografia virtual, foram construídos os caminhos necessários para interagir com noventa e oito jovens, em sua maioria estudantes, com idades variando entre 21 e 28 anos. O campo empírico da investigação foi o Facebook, que vem reunindo milhões de pessoas ao redor do mundo em torno de uma mesma interface que apresenta grandes potencialidades comunicativas. Para preservar a identidade dos sujeitos, optou-se por fazer uso de siglas.

Adotou-se como perspectiva de interação com os internautas a abordagem dialógica de Mikhail Bakhtin, segundo a qual se rompe com a ideia da superioridade do pesquisador sobre os pesquisados, entendendo-se que um e outros são coautores na produção do conhecimento científico. De acordo com o autor (2003), quando nos abrimos para o outro, entramos no “campo das descobertas, das revelações, das tomadas de conhecimento, das comunicações” (BAKHTIN, 2003, p. 394). Essa orientação teórico-metodológica, que pressupõe conceber a pesquisa como um encontro de

1 A dissertação, desenvolvida por Dilton Ribeiro do Couto Junior no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Couto Junior, 2013) foi orientada pela Profª Maria Luiza Oswald.

alteridades, permitiu que os jovens usuários do Facebook fossem compreendidos como parceiros da tarefa de conhecer o que ainda é desconhecido, em um processo de investigação que se constrói gradualmente com o outro e não sobre o outro.

Espaço físico e espaço eletrônico na cibercultura

Os primeiros computadores (calculadoras programáveis capazes de armazenar os programas) surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945. Por muito tempo reservados aos militares para cálculos científicos, seu uso civil disseminou-se durante os anos 60. Já nessa época era previsível que o desempenho do hardware aumentasse constantemente. Mas que haveria um movimento geral de virtualização da informação e da comunicação, *afetando profundamente dados elementares da vida social*, ninguém, com a exceção de alguns visionários, poderia prever naquele momento. (LÉVY, 1999, p. 31, grifos nossos).

A presença cada vez mais marcante de aparatos tecnológicos na sociedade contemporânea vem evidenciando profundas mudanças organizacionais, econômicas, culturais e sociais, que acabam por modificar a maneira como pensamos, conhecemos e interagimos com o mundo. Vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social e político da vida humana, e muito disso deve-se às tecnologias da informação e comunicação e às implicações que trazem à vida social dos sujeitos, conforme evidencia Lévy (1999) na citação acima.

Convém, no entanto, ressaltar que essa transformação, intensificada com o surgimento dos artefatos da cultura digital ou

pós-massiva, não corresponde necessariamente ao desaparecimento dos usos dos meios massivos. Segundo Santaella (2007, p. 28), “todas as formas de cultura, desde a cultura oral até a cibercultura hoje coexistem, convivem e sincronizam-se na constituição de uma trama cultural hipercomplexa e híbrida”, reforçando a ideia de que o surgimento de uma mídia não necessariamente implica no desaparecimento das anteriores. Para Lemos (2005, p. 3), “devemos evitar a lógica da substituição ou do aniquilamento”, uma vez que, na cibercultura, “trata-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas, espaços”

Com a emergência dos dispositivos móveis e com a revolução do processo de digitalização, as informações podem ser compartilhadas no ciberespaço, e mensagens de texto, vídeos etc. passam a ser trocadas também em tempo real via aparelhos telefônicos sem fio. Estes aparelhos, além de realizar chamadas telefônicas na mobilidade, apresentam cada vez mais recursos à disposição dos usuários, como a possibilidade de utilizar aplicativos de *chat* e vídeo nos processos comunicacionais, bem como registrar e compartilhar por meio da câmera os inúmeros acontecimentos da cidade.

Sobre isso, Santaella (2010, p. 18-19) afirma que “as interações tangíveis e encarnadas interligarão de modo cada vez mais íntimo os mundos físico e digital, por meio da inteligência computacional embutida nos objetos cotidianos e nos ambientes”. Neste sentido, as conversas mediadas pelos diversos artefatos tecnológicos propiciam que os jovens hoje transitem simultaneamente entre o espaço eletrônico e o espaço físico. Lemos (online) mostra que essa interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico – denominado por ele de “território informacional” – vem sendo expandida pelo uso das tecnologias de comunicação sem fio. Isso fica evidente quando o uso dos dispositivos móveis permite que “transportemos” a internet conosco, acessando a qualquer instante as diversas interfaces interativas que tornam possível a comunicação na cibercultura em sua fase atual. Lemos (2007, p. 12-13) ilustra os territórios

informacionais a partir do exemplo do espaço físico de um parque e do espaço eletrônico internet:

Por exemplo, o lugar de acesso sem fio em um parque por redes Wi-Fi é um território informacional, distinto do espaço físico parque e do espaço eletrônico internet. Ao acessar a internet por essa rede wi-fi, o usuário está em um território informacional imbricado no território físico [...] do parque, e no espaço das redes.

O breve diálogo no Facebook entre os jovens **MG** e **EA** aponta para a relação indissociável entre o ciberespaço e o espaço físico, na medida em que mesmo fazendo uso da tecnologia como mediadora da conversa *online*, o assunto tratado entre os dois amigos remete constantemente para “fora do ciberespaço”. Em outras palavras, o assunto tratado pelos jovens no Facebook faz menção aos acontecimentos vivenciados por eles no espaço da cidade²:

MG: EA, seu vacilão. Fez muita falta ontem. =(

EA: querida eu te liguei ontem para ver onde vc
tava e vc me ligou horas depois XDDD

EA: vem aki pra ksa

MG: Claro, estava num videokê. Po, hoje é aniversário da **G. Vou dar uma passadinha lá. (gri-fos nossos)**

2 Lemos (2007) ressalta que “espaço urbano” e “cidade” não são sinônimos. O autor mostra essa diferença ao afirmar que “o espaço urbano é um espaço socialmente produzido. Podemos dizer que a cidade é o espaço físico das práticas sociais e o urbano a invenção dessas práticas” (p. 10).

A menção dos jovens ao espaço físico nos auxilia compreender o ciberespaço não como algo separado da realidade, mas como espaço retroalimentado pela relação destes sujeitos com os acontecimentos da cidade, como é o caso do “videokê”, mencionado por **MG**. De acordo com Santaella (2010, p. 265), “por meio dos equipamentos sem fio, o ciberespaço agora se mistura cada vez mais com o mundo físico”, o que coloca em questionamento a “concepção de um mundo virtual paralelo”. Segundo a autora (2010, p. 264), “o acesso a lugares, informações e pessoas distantes criou naturalmente a ideia de um mundo virtual, paralelo ao mundo físico, no qual penetrávamos por meio de conexões computacionais”. Vale ressaltar que, com a popularização dos dispositivos móveis, é possível hoje o permanente acesso às informações das redes sociais da internet: podemos interagir no espaço físico das cidades e entrarmos, simultaneamente, em contato com informações que são produzidas e compartilhadas no espaço eletrônico.

Shirvanee (2006) também fornece um exemplo interessante sobre a relação dos grafiteiros com o espaço público, ao mostrar que estes grupos, ao mesmo tempo em que continuam deixando marcas e histórias pela cidade, também vêm ganhando popularidade mundo afora por meio das diversas redes sociais da internet: “because signs and symbols play a significant role in graffiti culture, information can spread across various social networks and along many countries”³. Constituindo-se como parte de muitos cenários urbanos contemporâneos, sinais e símbolos da cultura grafite passaram a ocupar também o espaço eletrônico, com a possibilidade de participação e de interação dos grafiteiros com outros internautas. Agora, suas histórias podem ser recontadas para uma quantidade significativa de pessoas, que passam a compartilhar e

3 “Porque os sinais e símbolos desempenham um papel significativo na cultura grafite, a informação pode se espalhar por várias redes sociais e por muitos países”. [Tradução livre].

a conhecer o trabalho desenvolvido pelos artistas que integram a cultura grafite.

Santaella (2008^a, p. 95), sobre as diversas formas de cultura que coexistem hoje (oral, escrita, impressa, cultura de massa, cultura das mídias e cibercultura), mostra que “os novos meios vão chegando, levando os anteriores a uma refuncionalização e provocando uma reacomodação geral na paisagem midiática”. A cultura grafite continua integrando muitos espaços urbanos contemporâneos, e agora também encontrou outro meio para se difundir: as redes sociais digitais. No Facebook, é possível encontrarmos a página “Grafite (Graffiti)”⁴, que apresenta cerca de 1 milhão e 350 mil integrantes. Estes estão, a todo instante, compartilhando comentários, vídeos, imagens etc. sobre a cultura grafite.

O ciberespaço nunca esteve tão próximo da vida cotidiana dos sujeitos, e as redes sociais digitais são prova disso pelo fato de que os usuários dos *softwares* sociais compartilham inúmeras mensagens a todo instante na medida em que vivenciam simultaneamente acontecimentos no espaço físico. Isso é possível de ser percebido na breve narração de uma partida de futebol feita pela professora **AW** no Facebook, bem como pelo comentário de um show em DVD comprado no camelô pela jovem professora **EC**:

***AW**: Mexeu errado, tinha que tirar o Diego Souza, aff!*

***AW**: Haja coração pra ver o vascão!!! Tira esse Diego Sousa e bota o Elton!!!*

***EC**: Acabei de comprar um dvd legião e paralamas juntos... asssistindo amarradona...*

4 Página do Facebook disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Graffiti/105672926131840?sk=info>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

RS: *Aeeeeeeee eu amo paralamas quando vai emprestar a sua amiga eihm eihm? Aliás me diz o n omes que vou fazer um copyleft ehehehe*

EC: *foi um show na década de 80 para o glogo de ouro. Acabei de achar no camelô... hehe Levo sexta pra vc copiar... ah mas legiao é melhor... of course!!! (grifos nossos)*

Os internautas usuários dos *softwares* sociais vêm se comunicando mediante uma grande quantidade de interfaces e conteúdos diversos, com uma linguagem dinâmica que muitas vezes se inicia no ciberespaço, mas que nele não termina: “Levo sexta pra vc copiar...”.

Podendo ser acessado de inúmeros equipamentos sem fio como *laptops*, *tablets* e telefones celulares, o Facebook agrega cada vez maior número de usuários, propiciando que os jovens estejam, nesta interface, em contato constante até na mobilidade, compartilhando vídeos, músicas, participando de conversas *online* com outros sujeitos. E essa interseção entre o espaço físico e o espaço eletrônico faz com que o ser humano, segundo Santaella (2007, p. 216), seja capaz de “desenvolver uma mente distribuída, capaz de realizar multitarefas no mundo chamado ‘físico’”. Neste sentido, longe de serem dicotômicos, o espaço físico da cidade e o ciberespaço unem-se para propiciar a produção de informações nas redes digitais. Vale ressaltar também que, diante das conversas tecidas com/entre os jovens pesquisados no Facebook, o contrário também foi visível: a interação *online* iniciada no ciberespaço desencadeou uma série de repercussões no espaço físico das cidades, evidenciando que não há como dissociar o espaço eletrônico dos espaços físicos nos processos comunicacionais pós-massivos. Frente a esse contexto, Santaella (2008b, p. 131, grifo meu) deixa claro que “nós continuamos a habitar esferas físicas, em urdiduras nas quais várias outras esferas virtuais se *misturam*, sem que os ambientes físicos desapareçam”.

Diante de inúmeras conversas que foram realizadas no Facebook, apresentamos a seguir as que possibilitam uma melhor compreensão da relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico:

GDC: *Preciso ficar mais tempo fora de casa, fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!*

Pesquisador: *Depois eu que sou viciado em FB!! hahahaah*

GDC: *e to mentindo q vc é?*

Pesquisador: *nao rrsrs*

AG: *E o flamengo não tem ajudado...*

KT: *é só chamar XD*

NO: *Queridos amigos, muito obrigada pelas mensagens de carinho pelo meu aniversário! Fico muito feliz de poder compartilhar de alguma forma, meu dia com pessoas queridas! E viva as redes sociais.*

Beijos e abraços!

GGG: *NO querida, ainda que meio atrasado, PARABÉNS!!!! Felicidades muitas.... você merece. Bjus*

ACR: *Leve, leve, leve.... rs*

Obrigada a todos que estiveram comigo hj e aos que estavam torcendo!! Amei as mensagens carinhosas pelo celular!!!

Agora..... descansar um pouquinho, né??

Pesquisador: *Parabéns mais uma vez, ACR! A apresentação foi um sucesso, como sempre. bjos! bom descanso e não some, viu?!*

NO: *Parabéns, foi um brilho só! Linda, segura de si, respondeu muito bem tudo!! Ainda teve emoção no final. Você merece!!!*

NM: *Parabéns!!! Descansar um pouquinho não, descanse muitoooo!!!!*

ACR: *rsrsrs... Obrigada, queridos!!!! Foi maravilhoso!!!*

NM: *Eu não mandei msg pelo celular, mas eu pensei em vc, ta?!*

ACR: *Eu sei, NM!!! Sei que vc tava torcendo mto!!!!*

BD: *Ixi, agora vai ficar sem graça, pq eu tinha pensado em mandar uma msg =/ Mais uma vez: Meus sinceros Parabéns, ACR! Foi maravilhoso! Beijoss já com gostinho de saudades*

ACM: *Parabéns, amiga!! Pelo visto, foi sucesso absoluto!*

“Preciso ficar mais tempo fora de casa” foi um dos comentários postados pela jovem **GDC** no seu perfil do Facebook para mostrar que, segundo ela, não há “*nada de interessante pra postar*” quando no seu dia-a-dia vivencia e interage pouco com os acontecimentos da cidade. Esse sentimento da jovem mostra o quanto a relação do espaço urbano com o ciberespaço se intensificou com a emergência dos dispositivos móveis, que apresentam uma comunicação bidirecional. Em outras palavras, “trata-se de uma relação de emissão e recepção da informação a partir de dispositivos que permitem a mobilidade comunicacional e informacional no espaço urbano” (Lemos, 2007, p. 15).

A jovem que comentou em seu perfil no Facebook que o fato de estar “*muito recatada*” a deixa “*sem nada de interessante para postar*” recebeu como resposta a essa constatação o convite de **KT** “*é so chamar XD*”⁵. Isso significa que “as comunicações eletrônicas contemporâneas não substituem os contatos face a face ou a relação com o espaço urbano” (Lemos, 2009, p. 32), permitindo entrever que os processos comunicacionais realizados nos *softwares* sociais não excluem outras formas de interação do dia-a-dia. É justamente a indissociabilidade entre ciberespaço e espaço físico, ou entre a vida *on* e *offline*, que propiciou à professora **NO** “*compartilhar de alguma forma, meu niver com pessoas queridas!*”. Os agradecimentos e os “*Beijos e abraços!*” enviados aos amigos dela no Facebook ocorreram posteriormente à festa de aniversário, que também foi compartilhada no seu perfil a partir da criação de um álbum de fotos da comemoração. Outra professora, a jovem **ACR**, dizia estar “*Leve, leve, leve...*”, e se mostrava bastante contente no comentário deixado no seu perfil, dizendo que amou “*as mensagens carinhosas pelo celular!!!*”, agradecendo “*a todos que estiveram comigo hj e aos que estavam torcendo*”. As falas de ambas revelam a inter-relação do que é comentado no Facebook com o que ocorre na vida cotidiana das professoras.

Rocha e Montardo (2005) mostram que “o sucesso de sites de relacionamento [...] são provas desta potencialização de sentimentos. Porque também se constitui em uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual, nem por isso menos real, dos indivíduos” (p. 12-13). De acordo com Ferreira (2014, p. 165),

o clima descontraído [próprio das relações horizontalizadas] não é construído apenas nos espaços virtuais, mas é ampliado pelas possibilidades interativas das redes. Assim, as relações *offline* afetam as comunicações feitas

5 *XD* é um emoticon usado em programas de conversação na *internet* para expressar alegria.

nos ambientes virtuais, mas a interação iniciada *online* também repercute no espaço físico, já que as oportunidades de estreitar os laços tornam-se ainda mais frequentes.

O Facebook, que interconecta milhões de usuários espalhados pelo planeta, modifica a forma como as pessoas interagem na cidade e no ciberespaço, intensificando o diálogo entre elas a partir de acontecimentos vivenciados nos espaços eletrônicos e nos espaços físicos. Para Santaella (2007, p. 217), as comunidades virtuais eletrônicas “nunca deixaram de viver nas áreas limítrofes entre a cultura física e a virtual, e o crescimento dos espaços eletrônicos não está se dirigindo para a dissolução das cidades, dos corpos, do mundo físico, mas para a interseção do físico com o virtual”. No entanto, essa interseção exige o compartilhamento do contexto da conversa, como fica claro na situação apresentada por **GDC**. Ao postar em seu perfil que “*Malhar com a mestra, não tem preço!*”, **GDC** deixou muitos de seus “amigos” sem entender o que ela queria dizer. Respondendo a um deles que lhe perguntou sobre o sentido da postagem, a jovem retrucou: “tem quem entende: D se não tivesse eu não postaria!”. Essa situação mostra que a participação no diálogo *online* que se estabelece supõe a convivência *offline* dos internautas.

Recuero (2009, p. 122), referindo-se aos diálogos que ocorrem nas redes sociais da internet, comenta que “uma conversação não é constituída unicamente de uma estrutura de mensagens. Ela é igualmente constituída de um sentido construído entre os interagentes”, daí a pertinência do comentário de **GDC**: “*tem quem entende :D se não tivesse eu não postaria!*”.

As dinâmicas comunicacionais pós-massivas na *Web* revelam os muitos usos que são feitos pelos jovens internautas nas redes sociais digitais a partir dos conteúdos produzidos e compartilhados. Isso porque, para Lévy (1999, p. 162), “as páginas da Web exprimem idéias, desejos, saberes, ofertas de transação de pessoas e grupos humanos”. Referindo-se ao ciberespaço, Santaella (2002, p. 55)

diz que “não se pode negar que, como intelectuais e educadores, temos diante de nós um espaço a ser ocupado”; espaço que possibilite uma melhor compreensão sobre como as conversas *online* vêm sendo mediadas pelas experiências que ocorrem no espaço físico da cidade.

Conclusão

Os jovens internautas estão hoje se comunicando intensamente a partir do uso dos artefatos tecnológicos. Os sons das cidades se misturam com as músicas que saem dos alto-falantes dos celulares, *laptops/netbooks* e *tablets*; mensagens instantâneas são enviadas constantemente de celulares e compartilhadas entre os usuários nos *softwares* sociais; as câmeras fotográficas e filmadoras digitais permitem que os usuários armazenem uma grande quantidade de fotografias e vídeos em alta definição nos cartões de memórias; os monitores dos caixas eletrônicos dos bancos são comandados pelos clientes ao mais leve toque dos dedos; semáforos programados eletronicamente controlam o tráfego dos transportes terrestres, e assim por diante. É possível compreender o que Lemos (2002, p. 113) aponta sobre o fato de que “não se trata do computador tomando o lugar dos objetos, mas o contrário: é o computador que desaparece nos objetos”.

Esse movimento intenso dos jovens no espaço urbano propicia que suas experiências sociais também sejam contadas e recontadas nas redes digitais da internet a partir das inúmeras interações cotidianas que estabelecem com outros sujeitos. Nesse sentido, a seguinte pergunta formulada por Jobim e Souza (2002, p. 75) é pertinente: “quais são as possibilidades de criação e de liberdade em uma sociedade cada vez mais programada pela tecnologia?”. Identificamos essa “liberdade” hoje, entre outros fatores, com a possibilidade de não mais precisarmos nos conectar ao ciberespaço pelo uso de cabos, mas a partir das redes sem fio, prática que vem se tornando comum e que confere visibilidade à significativa

produção de narrativas digitais mediadas pelas experiências culturais que ocorrem *offline*.

A inter-relação entre os espaços físicos e os espaços eletrônicos certamente se mostra mais visível com a emergência dos aparatos tecnológicos sem fio, permitindo uma maior liberdade nos processos comunicacionais em uma era em que há a possibilidade de nos comunicarmos de praticamente qualquer lugar do planeta a qualquer momento do dia. Sobre isso, Arruda (2009, p. 17) diz que “em uma sociedade digitalizada, tempo e espaço são integrados virtualmente”. Para Lemos (2007, p. 18), não há dúvida de que os “territórios informacionais estão reconfigurando as práticas comunicacionais nas cidades”.

Diante das conversas aqui apresentadas entre os jovens pesquisados no Facebook, é possível concluir que longe de serem dicotômicos, o espaço da cidade e o ciberespaço são indissociáveis. Como se viu, a interação *online* iniciada no espaço eletrônico é capaz de desencadear repercussões no espaço físico (e vice-versa). Isso proporcionou pensar o ciberespaço não como algo separado da realidade, mas como espaço que é retroalimentado pela relação dos sujeitos com a cidade, colocando em questionamento a ideia de que a rede mundial de computadores seria um mundo virtual paralelo.

Neste contexto, os fluxos midiáticos caminham juntos com as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos na cidade. Compreender que os espaços físicos e eletrônicos são indissociáveis é perceber a potência da rede mundial de computadores nos processos comunicacionais dos quais os jovens participam na contemporaneidade, revelando que as experiências mediadas pelas tecnologias digitais em rede reconfiguram os modos pelos quais os sujeitos culturais contemporâneos trocam informações, constroem conhecimento e se entretêm na relação com o outro. Corroborando essa reflexão, Rosa, Ferreira e Oswald (2010, p. 223) destacam que “a quantidade de jovens que vêm constituindo novas sociabilidades através de maneiras híbridas de relacionar-se no virtual, é um indicativo de mudanças culturais que merecem um olhar mais cuidadoso”.

Referências

- ARRUDA, Eucídio. Relações entre tecnologias digitais e educação: perspectivas para a compreensão da aprendizagem escolar contemporânea. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.13-22.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, juventude e alteridade**: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- FERREIRA, Helenice M. Cassino. **Dinâmicas de uma juventude conectada**: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar. Tese de Doutorado, ProPEd/UERJ, fevereiro 2014, mimeo.
- JOBIM E SOUZA, Solange. O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual. **Revista Advir**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 75-81, set. 2002.
- LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.40, dez. 2009, p.28-35.
- LEMOS, André.. Aspectos da cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aida (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker, 2002, p.112-129.
- LEMOS, André.. **Ciber-cultura-remix**. Artigo escrito para apresentação no seminário “Sentidos e Processos” dentro da mostra “Cinético Digital”, no Centro Itaú Cultural, São Paulo, ago. 2005,

p.1-9. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

LE MOS, André.. Mídia locativa e territórios informacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 16., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: COMPÓS, 2007, p. 1-20.

LE MOS, André.. **Cibercultura como território recombinate**. Disponível em: <<http://abciber.com/publicacoes/livro1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/>>. Acesso em: 6 fev. 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRETTO, Nelson De Luca; ASSIS, Alessandra. Cultural digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). **Além das redes de colaboração:** internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008, p.75-83.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.38, abr. 2009, p.118-128.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** (e-compós), dez. 2005, p.1-22.

ROSA, Ana Carolina Pereira da Silva; FERREIRA, Helenice M. Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Práticas

culturais juvenis: máscaras contemporâneas. **Revista da Faeeba**, Salvador, v.19, n 33, jan./jun. 2010, p.215-227.

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p.44-56.

SANTAELLA, Lucia. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.35, abr. 2008a, p. 95-101.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. **Revista Nômadas**, n.28, abr. 2008b, p. 128-137.

SHIRVANEE, Lily. Locative Viscosity: traces of social histories in public space. **Leonardo on-line**, v.114, issue 03, 2006.